



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

A REFORMA PROTESTANTE: UMA HISTÓRIA DE ANACRONISMO

Rafael de Paula¹, Roney de Carvalho Luiz²

¹Acadêmico do Curso de Licenciatura em História, Centro Universitário de Maringá - UNICESUMAR. rpaulamovel@gmail.com

²Orientador, Professor Mestre e Coordenador do Curso de Teologia EAD, Docente do Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR), Maringá – PR.
Pesquisador do GAPDH – Grupo de Apoio a Pesquisa e Docência em História roney.luiz@unicesumar.edu.br

RESUMO

A Reforma Protestante do século XVI se deu com base no questionamento ao ensino Católico Romano Medieval de indulgências. Esse questionamento de cunho religioso cristão fundamentou-se eminentemente nos escritos do Apóstolo São Paulo. Os Reformadores interpretaram o Apóstolo combatendo adversários que seriam representantes de uma compreensão de salvação por obras, que seria própria do judaísmo. Esses adversários foram nomeados “judaizantes”. Para os Reformadores o Catolicismo Romano de seus dias era uma expressão do judaísmo dos dias do Apóstolo. Ambos defendendo méritos salvíficos por meio de obras humanas (sistema de indulgências num caso, guarda da Lei no outro). As pesquisas históricas recentes acerca do judaísmo dos dias do Apóstolo, no entanto, demonstraram com bastante contundência que o judaísmo nunca foi uma religião de salvação por obras. A interpretação dos Reformadores, portanto, era um anacronismo histórico. Essa pesquisa teve como objetivo apontar os principais resultados da historiografia acerca do judaísmo dos dias do Apóstolo Paulo identificando a existência do anacronismo na interpretação dos Reformadores.

PALAVRAS-CHAVE: Reforma Protestante; Cristianismo; Judaísmo; Salvação por Obras

1 INTRODUÇÃO

A Reforma Protestante do século XVI teve como um de seus pilares a defesa da justificação somente pela fé em Cristo. Os Reformadores contestaram a salvação pessoal por meio de ações humanas (BUSENITZ, 2005, pp. 253-258). Esse foi um pilar central do movimento reformador que acabou por romper com o Catolicismo Romano Medieval, dando origem a uma nova identidade de cristianismo na História. É importante relembrar a relevância da identidade cristã no processo de formação das sociedades no Ocidente. Os Reformadores fundamentaram-se na releitura bíblica da disputa entre o Apóstolo São Paulo e seus adversários: seguidores de Cristo aliados ao judaísmo estabelecido, chamados de judaizantes (ELMER, 2009, p. 8).

No entendimento dos Reformadores, o Apóstolo defendia que bastava aos não judeus convertidos ao nascente cristianismo a exclusividade da fé em Cristo para a salvação pessoal, enquanto que seus adversários defendiam que ainda seria necessária a eles a guarda da Lei judaica a fim de adquirirem “méritos salvíficos”. De acordo com essa compreensão dos Reformadores, o judaísmo era uma religião que defendia a salvação por meio de ações humanas, enquanto que o nascente cristianismo, articulado eminentemente pelos escritos do Apóstolo São Paulo, defendia uma salvação pessoal por meio exclusivamente da fé em Cristo.

Com base neste pressuposto, associaram os adversários paulinos ao Catolicismo Medieval e seu próprio ensino ao que entendiam que o Apóstolo estava tentando ensinar e defender. Em outras palavras, o Catolicismo Medieval com seu sistema de indulgências era semelhante ao judaísmo: um sistema de salvação por obras. Ao passo que o posicionamento dos Reformadores assemelhava-se à defesa paulina de que a salvação pessoal era exclusivamente pela fé em Cristo.

Pesquisas históricas recentes têm demonstrado com bastante contundência que a compreensão dos eminentes Reformadores acerca do judaísmo enquanto um sistema de salvação pessoal por meio de ações humanas foi um equívoco. Os Reformadores teriam se valido de um anacronismo histórico ao associarem o Catolicismo Medieval de seus dias ao judaísmo dos dias do nascente cristianismo.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

O objetivo deste trabalho consiste em apontar os principais resultados apresentados pela historiografia recente que demonstram o anacronismo dos Reformadores. Seu valor consiste em pelo menos dois pontos principais: a) identificar a presença do anacronismo histórico na metodologia historiográfica (interpretação) dos Reformadores; e b) identificar o movimento cristão, articulador protagonista das sociedades Ocidentais, como consequente de um processo histórico de construção de bordas de fronteiras de identidade.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

É inegável a relevância da religião cristã para a formação da Cultura Ocidental. Não apenas por seu protagonismo na Era Medieval, como também, em especial por sua presença e influências no Renascimento, no Movimento das Cruzadas, no nascimento das primeiras Universidades, nas Expansões Marítimas e em outros elementos que acabaram por contribuir para o crepúsculo Medieval e alvorada da Era Moderna. Dentre esses elementos de transição, a Reforma Protestante e suas implicações para a própria consolidação do “espírito do Capitalismo”¹ e estabelecimento progressivo da cultura Ocidental contemporânea.

Ao completar seus quinhentos anos, os pressupostos da Reforma Protestante têm sido desafiados por meio da pesquisa histórica, que demonstrou que os Reformadores do século XVI interpretaram os textos canônicos do Apóstolo Paulo fora de seu contexto original. A publicação da pesquisa de E. P. Sanders, em 1977 (ainda não traduzida para o português), foi o ponto culminante dessa constatação. Desde sua publicação, instaurou-se um novo campo acadêmico para a investigação e compreensão do surgimento do Cristianismo, de seus movimentos internos e especialmente de sua própria identidade enquanto movimento religioso delineador da cultura Ocidental.

A apreciação desta pesquisa de E. P. Sanders serve como base de referência para fundamentar neste trabalho de pesquisa de iniciação científica a identificação da presença do anacronismo histórico na interpretação dos Reformadores.

Esse trabalho de iniciação científica, assim, toma carona neste novo campo de pesquisa acadêmica instaurada pela obra de E. P. Sanders para demonstrar em que sentido houve um anacronismo na argumentação que fundamentou a Reforma Protestante. Ainda que isso não seja sequer nominado na referida obra de referência.

Valemo-nos aqui também de revisão bibliográfica das principais pesquisas acadêmicas sobre a investigação histórica do judaísmo dos dias do Apóstolo São Paulo. Pesquisas de referência e delimitadoras do questionamento ao tradicional pressuposto da Reforma Protestante acerca do judaísmo como religião de salvação por obras.

Há um recorte nesta pesquisa de iniciação científica em apenas demonstrar o anacronismo que pode ser inferido a partir das pesquisas sobre o judaísmo dos dias do Apóstolo São Paulo. Há certamente pontos interessantes a serem pesquisados a fim de se compreender as forças, pressões e demandas que figuravam no próprio contexto dos Reformadores, possivelmente conduzindo-os na articulação de seus pressupostos anacrônicos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

¹ Como notadamente demonstrado pelo clássico de Max Weber, A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Ainda em 1894 C. G. Montefiore defendia que o judaísmo rabínico dos anos 50 da Era Cristã (EC) era historicamente o mesmo dos 300 a 500 anos posteriores e que não revelava algum tipo de legalismo de justificação por obras, alegado pelos Reformadores contra o qual Paulo teria se manifestado. Montefiore concluiu que Paulo não conhecia o judaísmo rabínico palestino de seus dias (SANDERS, 1977). Seu protesto teve repercussão entre os seus estudiosos contemporâneos.

Montefiore não foi o único a contestar a visão do judaísmo atribuída ao Apóstolo São Paulo pelos Reformadores. Estudiosos do assunto costumaram identificar incongruências entre o judaísmo que Paulo teria criticado (na visão dos Reformadores) e as pesquisas históricas sobre o judaísmo daquele período. Em 1936, James Parkes (*apud* SANDERS, 1977, p. 6) colocou a questão da seguinte maneira:

Temos que admitir, sobre qualquer base de honestidade intelectual, que sabemos o suficiente sobre os Fariseus e sobre o Judaísmo Rabínico do período de Paulo para sermos compelidos a admitir que se é o Judaísmo Rabínico que ele está atacando, então em grande parte suas acusações contra a Lei são injustificáveis. Judaísmo pode ser atacado a partir de vários pontos de vista, e em muito pode ser criticado, mas se Paulo estava realmente atacando o 'Judaísmo Rabínico', então muito do seu argumento é irrelevante, seu abuso sem méritos, e sua concepção do que ele estava atacando imprecisa.

Em 1927 George Foot Moore publicou uma pesquisa em dois volumes dos ensinamentos rabínicos que "ênfatizava o papel da graça, do perdão e do arrependimento na literatura mais primitiva da religião rabínica" (THIELMAN IN HAWTHORNE, 2008, p. 782). O problema que a interpretação Reformada acerca do judaísmo dos dias do Apóstolo São Paulo foi descrito por ele do seguinte modo:

Como um judeu com os antecedentes de Paulo poderia ignorar, e por implicação negar, a grande doutrina profética do arrependimento, que, individualizada e interiorizada, era uma doutrina cardinal do judaísmo, a saber, que Deus, por amor, livremente perdoa o pecador penitente sincero e restaura a ele seu favor – o que parece do ponto de vista de um judeu, inexplicável (MOORE *apud* SANDERS, 1977, p. 6).

O judaísmo dos dias do Apóstolo Paulo não foi (provavelmente) um movimento uniforme, podendo-se identificar evidências de correntes e facções diferentes e até divergentes.² Alguma

²"Em contraste com a perspectiva mais antiga, descobertas arqueológicas e literárias recentes demonstraram a rica variedade do judaísmo palestino, na fidelidade à lei e no emprego de outras línguas além do aramaico. A mesma variedade existia no judaísmo da diáspora, embora o grego predominasse como língua falada". (STEGNER IN HAWTHORNE, 2008, p. 953).

"É um pensamento, mais ou menos seguindo Josefo, que vários grupos no judaísmo eram igualmente "seitas" ou "partidos", e os dois termos podem ser usados intercambiavelmente." (SANDERS, 1977, p. 425).

Edgar Leite menciona a perspectiva de Jacob Neusner (1987, 1994, 1998) que defende a história de judaísmos no plural, ao invés de judaísmo, no singular. Sendo que, na perspectiva do autor, o próprio cristianismo no início poderia ser considerado um dos judaísmos em pauta. (LEITE, 2008, p. 77).

"Como o helenismo, o judaísmo era uma entidade múltipla e nem todos os seus aspectos eram igualmente importantes. O modo de vida sobreviveu muito bem na Diáspora de fala grega e não foi seriamente ameaçado pela propagação desta língua na Palestina." (COLLINS IN NOGUEIRA, 2010, p. 32).

"Razões como estas é que levam à frequente assertiva de vários estudiosos de que houve, na verdade, 'diversos judaísmos' neste período, uma alegação cuja veracidade Sanders conclui depender do que exatamente significa. Para ele, existiram realmente diferentes grupos judaicos e diversas teologias em numerosas questões, ao mesmo tempo em que deve ter havido mais em comum do que simplesmente o



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

expressão de judaísmo de salvação por obras pode não ter sido exceção, ainda que não representativo em sua corrente principal; e não compatível com o ensino rabínico legitimado. Num esforço de compreender o Apóstolo São Paulo, sob o ponto de vista Reformado, H. J. Schoeps, aceitou poder ter havido o que chamou de “‘espírito legalista’ em partes do judaísmo”.³

Mesmo que se pudesse haver eventuais reconhecimentos dessa natureza, a descrição do judaísmo como expressão de uma religião de salvação por obras costumou ser refutada pelos estudiosos da literatura rabínica, por não encontrarem nela base suficiente para tal rotulagem. Esses estudiosos tiveram dificuldade para aceitar e explicar o apóstolo Paulo na perspectiva da visão tradicional Reformada de que ele estava lutando contra uma religião legalista de salvação por obras. James D. G. Dunn (2008, p. 392) comenta:

O Paulo protestante sempre foi embaraço para os especialistas judaicos que procuravam levá-lo a sério, e igualmente para os do lado cristão que se aprofundavam na tradição judaica. O judaísmo que os especialistas do NT estabeleciam como o oposto da teologia de Paulo não era o que eles conheciam. A melhor solução que podiam imaginar era que Paulo devia ter reagido a uma forma de judaísmo do qual não resta nenhum vestígio verdadeiro, exceto nas suas cartas, judaísmo da diáspora, diferente do judaísmo palestinese.

O “consenso” herdado da Reforma de que a salvação somente pela fé era o centro da argumentação do Apóstolo Paulo contra seus adversários também teve seus dissidentes. Em 1908, Wilhelm Wrede publicou um importante trabalho em que argumentava que a justificação pela fé não era central para o pensamento de Paulo, mas um ensino desenvolvido como resposta ao conflito de Paulo com o judaísmo. Esse foi “o primeiro maior desafio para a centralidade da justificação pela fé” (FARNELL, 2005, p. 237). O questionamento de Wrede pode ser observado nas seguintes palavras:

A Reforma nos acostumou a olhar para isso como um ponto central da doutrina Paulina: mas não é assim. Na verdade toda a religião Paulina pode ser exposta sem sequer uma palavra sobre esta doutrina, a não ser na parte devotada à Lei. Seria extraordinário se o que tivesse a intenção de ser a doutrina principal fosse referida em somente uma minoria de epístolas. Este é o caso desta doutrina: ela somente aparece onde Paulo está lidando com a luta contra o Judaísmo (FARNELL, 2005, p. 238).

nome ‘judeu’”. (MACHADO IN NOGUEIRA, 2010, p. 288), referindo-se a (SANDERS, 1977, p. 423).

3 “Mesmo entre acadêmicos judeus há aqueles que admitem um ‘espírito legalista’ em partes do Judaísmo, especialmente entre os judeus da Dispersão. H. J. Schoeps, por exemplo, refere-se a uma ‘Piedade Septuagintal’ (Schoeps, 27-32, 213ss. Para mais referências cf. Räisänen, Paul and the Law, 165ss). Outros acadêmicos judeus, porém, tem completamente rejeitado essas descrições como caricaturas e distorções da característica da corrente principal do Judaísmo dos dias de Paulo”. (MITTERNACHT, 1988, p. 55).

“Schoeps não negou o entendimento básico a que a Reforma chegou quanto à lei em Paulo. Apenas procurou mostrar sua irrelevância para o judaísmo da ‘corrente principal’ do tempo de Paulo, pois no modo de ver de Schoeps Paulo atacou, em essência, apenas uma distorção do judaísmo representado pelos judeus helenísticos da diáspora.” (HAFEMANN IN HAWTHORNE, 2008, p. 924).

“Devido à consistência com a qual o nomismo é mantido desde cedo no segundo século AEC até tarde no segundo século EC, pode ser admitido como hipótese de que o nomismo da aliança foi prevalente na Palestina antes de 70. Ele foi assim o tipo básico de religião conhecido por Jesus e presumivelmente por Paulo (Conhece-se muito pouco sobre características distintas do judaísmo na Ásia Menor). A possibilidade não pode ser completamente excluída de que havia judeus precisamente atingidos pela a polêmica de Mateus 23, que tenham se apegado a trivialidades e negligenciado os assuntos mais importantes. Sendo a natureza humana o que é, pode-se supor que tenha havido alguma coisa assim. Pode-se dizer, porém, que a literatura judaica sobrevivente não as revela. Deve ser lembrado que a literatura judaica sobrevivente não foi toda preservada por judeus.” (SANDERS, 1977, p. 426).



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

A contribuição de Albert Schweitzer acabou por estabelecer uma plataforma alternativa para a questão como foi abordada subsequentemente (SONG, 2006, p. 21). Para ele o ponto central da argumentação do Apóstolo contra seus adversários judaizantes não era a questão da salvação pela fé, mas o que ele nomeou ser “o misticismo paulino”. No caso, a expressão paulina “em Cristo” significando uma união mística. Essa “união em Cristo”, para Schweitzer teria sido o ponto central da controvérsia. Para ele a salvação pela fé foi uma verdade polêmica relacionada à inclusão de gentios na Igreja Primitiva. Schweitzer via Paulo como um pensador judeu harmonizado ao misticismo judaico.

Em 1948, W. D. Davies publicou uma pesquisa histórica detalhada sobre a literatura rabínica, intitulada *Paul and Rabbinic Judaism* (Paulo e o Judaísmo Rabínico), que estabeleceu “um divisor de águas na história dos estudos acadêmicos sobre Paulo e o Judaísmo” (SANDERS, 1977, p. 8). Davies estudou o judaísmo rabínico “de uma forma que, até aquele momento, poucos estudiosos do Novo Testamento tinham feito” (WRIGHT, 1997, p. 3). Ele defendeu que “a doutrina paulina da justificação pela fé independente da lei era apenas uma metáfora entre muitas, provavelmente criada no ardor da discussão (pp. 221-223), e que as cartas do apóstolo revelavam simplesmente um fariseu para quem a época messiânica tinha começado a se manifestar (pp. 71-73)” (THIELMAN IN HAWTHORNE, 2008, p. 782). Com base em sua pesquisa detalhada, Davies colocou a questão da seguinte forma:

Tanto em sua vida como em seu pensamento, a relação próxima de Paulo com o Judaísmo Rabínico tem se tornado clara, e nós não podemos mais insistir de que para ele a aceitação do Evangelho era a rejeição do velho Judaísmo e a descoberta de uma nova religião totalmente oposta a ele, como suas polêmicas podem às vezes perdoavelmente nos levar a supor, mas o reconhecimento do advento da forma verdadeira e final de Judaísmo, em outras palavras, o advento da Era Messiânica da expectativa judaica. É nesta perspectiva que devemos entender a conversão de Paulo (W. D. DAVIES *apud* SANDERS, 1977, pp. 8-9).

Davies defendeu que “o significado de Jesus de Nazaré como o Messias” era mais central para Paulo que a doutrina da justificação pela fé, e que o conceito soteriológico central paulino era o “estar em Cristo” (SANDERS, 1977, p. 9).

Também rejeitou explicitamente a tentativa de derivar o pensamento de Paulo do Helenismo, e o “plantou firmemente de volta no solo do seu judaísmo nativo”, considerando-o, ao final das contas, um rabino judeu que cria que Jesus de Nazaré era o Messias.⁴ Seu trabalho estabeleceu “uma agenda pela qual muito do trabalho acadêmico do pós Segunda Guerra Mundial desenvolveu-se, ou em reação ou em articulação favorável” (WRIGHT, 1997, p. 16).

K. Stendahl, cinco anos depois da publicação da pesquisa de Davies, também contribuiu para a revisão da centralidade da justificação pela fé como até então alegada pelos Reformadores. Ele argumentou que Paulo não teve qualquer agonia em busca de sua salvação quando ele era parte do judaísmo. O encontro da estrada de Damasco teria sido mais um chamado que uma conversão e o ensino sobre a justificação pela fé estava relacionado à missão de Paulo aos gentios. Stendahl protestou contra Agostinho por fazer de Paulo uma pessoa de “consciência introspectiva”, e Lutero por degradar a justificação pela fé de Paulo como uma resposta a uma salvação individual (SONG, 2006, p. 23). A contribuição de Stendahl ao debate sobre o centro do pensamento paulino pode ser resumida da seguinte maneira:

4 “Davies mostrou que poderia ser encontrado no Judaísmo o que Bultmann e outros teólogos atribuíram ao pano de fundo Helenístico de Paulo. [...] o que é importante para a nossa discussão é que Davies encontrou o centro das ideias de Paulo não na justificação pela fé, mas no significado do Messias Jesus. Davies considerou Jesus o Messias de um novo Êxodo, que estabeleceu uma nova Torah, e um novo Israel, assim, para ele, o Cristianismo não era a antítese, mas o cumprimento do Judaísmo”. (SONG, 2006, p. 22).



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

A reinterpretação que Stendahl fez da teologia paulina originou-se de sua convicção de que, devido à teologia da Reforma e à estrutura da experiência de conversão luterana, o ensinamento paulino a respeito da justificação pela fé foi tirado de seu ambiente original e transportado para o centro de seu ensinamento a respeito da salvação. Em vez de tratar da situação dos gentios no plano de Deus para o mundo, como o faz nos escritos paulinos, a doutrina da justificação pela fé era agora considerada a resposta doutrinal abstrata ao desespero e ao fracasso da humanidade, provocados pela tentativa da humanidade de se justificar pela lei. O resultado final dessa perda do enfoque original da justificação é que o problema paulino do relacionamento entre judeus e gentios torna-se ligado ao problema ocidental da consciência introspectiva (HAFEMANN IN HAWTHORNE, 2008, p. 928).

Para Stendahl, a justificação pela fé era uma doutrina apologética que servia para defender a aceitação dos gentios na comunidade herdeira das promessas de Deus a Abraão. Não se tratava de um ataque a um legalismo ou ao judaísmo, em si. Nem tampouco um ensino sobre a salvação pessoal (FARNELL, 2005, p. 238).

A contestação determinante da visão tradicional reformada foi publicada em 1977, por E. P. Sanders, intitulada *Paul and Palestinian Judaism* (Paulo e o Judaísmo Palestino). Essa pesquisa forçou os estudiosos a repensarem a “natureza da oposição que Paulo enfrentava em suas Igrejas e conseqüentemente, o caráter e o conteúdo da crítica que fez contra ela” (HAFEMANN IN HAWTHORNE, 2008, p. 925). Sanders conseguiu essa façanha pesquisando o material rabínico sobrevivente⁵ do judaísmo de 200 AEC a 200 EC.⁶ Diferente dos críticos antecessores que ocuparam-se substancialmente com o entendimento de Paulo herdado da Reforma,⁷ seu propósito foi estabelecer qual era o “padrão de religião” do judaísmo naquele período.⁸ Por “padrão de religião”, Sanders (1977, p. 17) definiu:

O termo ‘padrão’ aponta para a questão de como alguém se move do ponto de início lógico ao ponto de conclusão lógico da religião. (...) Um padrão de religião, definido positivamente, é a descrição de como os adeptos daquela religião percebem que ela *funciona*. ‘Perceber como funciona’ tem o senso não do que um adepto faz no dia a dia, mas *como o entrar nela e permanecer nela é entendido*: o jeito como se compreende que a religião admite e mantém membros é considerado o jeito que ela ‘funciona’.

5 Sanders examinou a literatura Tanaítica, os Manuscritos do Mar Morto e os Apócrifos e Pseudepígrafos (Ben Sira, 1 Enoque, Jubileus, Salmos de Salomão, e IV Esdras).

6 “Não é minha intenção na Parte I prover uma história da religião judaica, ainda que cobriremos a grande maioria do material Palestino datado do período de 200 AEC a 200 EC, assim, será possível na conclusão da Parte I delinear algumas conclusões sobre o Judaísmo na Palestina no primeiro século e algumas de suas características nos tempos de Paulo”. (SANDERS, 1977, p. 18).

7 “Embora encontremos críticos substanciais ao paradigma reinante antes de 1977, esses ataques ao consenso predominante eram primordialmente ataques ao entendimento de Paulo a que a Reforma chegou, em vez de um ataque a sua percepção dos adversários judaizantes de Paulo. Porém, enquanto a visão tradicional dos adversários de Paulo continuasse substancialmente oportuna, a tentativa de repensar a visão paulina seria descartada não só como teológica ou exegeticamente infundada, mas também como historicamente mal orientada. Assim, Moo estava certo em datar a destruição do consenso moderno a partir do advento da contribuição de Sanders ao debate, contribuição que começou com seu *Paul and Palestinian Judaism*, em 1977. (HAFEMANN IN HAWTHORNE, 2008, p. 925).

8 “Não estou primariamente interessado em lidar simplesmente em se Paulo concordou ou discordou das concepções e terminologias judaicas e se ele entendeu ou não entendeu o judaísmo. A intenção, porém, é responder a questão do relacionamento básico entre a religião de Paulo e as formas de religião refletidas na literatura judaica Palestina. Temos que ir por detrás da terminologia para determinar se Paulo e os Rabinos (por exemplo) tinham o mesmo *tipo* de religião ou não”. (SANDERS, 1977, p. 19).



A literatura que Sanders pesquisou não foi produzida com o propósito de descrever como o judaísmo do período ‘funcionava’. O que poderia tê-lo induzido a concluir um judaísmo como gostariam que ele fosse lembrado e não como ele de fato era.⁹ Seu objetivo foi compreender a partir desta literatura ordinária qual era o “padrão” do judaísmo, isto é, como ele funcionava (como o entrar nele e o permanecer nele era entendido).

A pesquisa histórica de Sanders foi revolucionária não tanto por sua originalidade, mas pela eficácia com que demonstrou a visão deformada do judaísmo que os “estudiosos luteranos e os influenciados por eles tinham originado” (THIELMAN IN HAWTHORNE, 2008, 782). Ele demonstrou com bastante eficácia que a visão tradicional herdada da Reforma estava equivocada.

Os Reformadores interpretaram Paulo fora de seu contexto original, como demonstraram as pesquisas que culminaram com a obra de Sanders.

Ao ler Lutero, é fácil concentrar-se no argumento teológico com a Igreja Católica romana ao qual ele se dedicou com tanta energia e não notar uma sutil impropriedade hermenêutica na qual o grande reformador e teólogo se compraz. Especialmente nas palestras a respeito de Gálatas, mas também alhures, Lutero pressupõe que os judeus, cuja visão da lei Lutero contestava, tinham a mesma teologia da justificação que a Igreja Católica Romana medieval. Esse erro hermenêutico foi mantido nos quatro séculos seguintes e acabou por servir de princípio organizador para montanhas de estudos protestantes a respeito do AT e do judaísmo antigo (THIELMAN IN HAWTHORNE, 2008, p. 781).

Assim, os Reformadores até poderiam estar corretos de que a salvação não poderia ser conquistada pelas obras, como mérito humano. Mas estavam errados em alegar que era esse o ponto de disputa entre o Apóstolo Paulo e seus adversários chamados de judaizantes. O judaísmo não era religião de salvação por obras. Então, não era essa a questão que estava em disputa naqueles dias. Essa interpretação reformada foi um anacronismo histórico.

Dentre as grandes contribuições da pesquisa de Sanders destaca-se: por um lado abrir uma larga e excitante porta para os estudos históricos acerca da verdadeira natureza da disputa entre o Apóstolo Paulo e seus adversários; e, por outro, lembrar que a pesquisa deve zelar por buscar compreender os eventos dentro de seu próprio contexto histórico; evitando-se possíveis danos, incongruências e implicações advindas dos anacronismos.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa historiográfica mais recente contesta a interpretação tradicional da Reforma Protestante de que o judaísmo defendia ações humanas (obras) como meios de salvação pessoal. De fato, há contundente conclusão de que essa interpretação consiste num anacronismo entre o judaísmo dos dias do Apóstolo São Paulo e o Catolicismo romano no século XVI.

O Movimento cristão, de orientação Protestante (ou não) compulsoriamente articulou suas variáveis definidoras de identidade religiosa (e, portanto sociais também) na dinâmica de reflexão acerca do pressuposto dos Reformadores. Pressuposto esse que definiu e articulou fronteiras de identidade a partir de seu advento histórico, mas que consistia de um anacronismo. Isto posto, as reflexões acerca das implicações religiosas do Cristianismo como protagonista no estabelecimento das sociedades Ocidentais, bem como, seu escopo de influência, carecem de serem revistos.

⁹ Os apócrifos e pseudepígrafos foram preservados pelos Cristãos, enquanto que os manuscritos do mar morto foram encontrados por acidente. Assim, em toda essa literatura considerada em conjunto têm-se o judaísmo que fala por si mesmo durante o período, não apenas o judaísmo como as gerações subsequentes gostariam de lembrar-se dele (o que é o caso do Cristianismo). (SANDERS, 1977, p. 426).



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

REFERÊNCIAS

BUSENITZ, Irvin A. **The Reformer's Understanding of Paul and the Law.** The Master's Seminary Journal. 16/2, 2005, p. 261-276.

COLLINS, J. J. "Culto e cultura: os limites da helenização na Judéia" IN NOGUEIRA, Paulo A. de S. & Funari, Pedro P. & Collins, John J. (orgs). **Identidades Fluídas no Judaísmo Antigo e no Cristianismo Primitivo.** São Paulo: Annablume, 2010.

DUNN, James D. G. **A Teologia do Apóstolo Paulo.** São Paulo: Paulus, 2ª. Edição, 2008.

ELMER, Ian J. **Paul, Jerusalem and the Judaizers.** Tübingen-Germany: Mohr Siebeck, 2009.

FARNEL, F. David. **The New Perspective on Paul: Its Basic Tenets, History, and Presuppositions.** The Master's Seminary Journal, 16/2, 2005, p. 189-243.

HAFEMANN, S. J. "Paulo e seus Intérpretes" IN HAWTHORNE, Gerald F. & Martin, Ralph & Reid, Daniel G. (orgs). **Dicionário de Paulo e suas cartas.** São Paulo: Vida Nova & Paulus & Loyola, 2ª. Edição, 2008.

LEITE, Edgar. **Qual era o judaísmo de Paulo?** Horizonte, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, dez/2008.

MACHADO, Jonas. "Identidade paulina em construção: de Saul, o fariseu, a Paulo, o Apóstolo de Jesus Cristo" IN NOGUEIRA, Paulo A. de S. & Funari, Pedro P. & Collins, John J. (orgs). **Identidades Fluídas no Judaísmo Antigo e no Cristianismo Primitivo.** São Paulo: Annablume, 2010.

MITTERNACHT, Dieter. **By Works of the Law no One Shall Be Justified.** A thesis presented to the Faculty of Bethel Theological Seminary St. Paul, in partial fulfillment of the requirements for the degree Master of Theology, Minnesota, 1988.

SANDERS, E. P. **Paul and Palestinian Judaism: A Comparison of Patterns of Religion.** Philadelphia: Fortress Press, 1977.

SONG, Jae Young. **Rethinking New Perspective on Paul: Justification by Faith and Paul's Gospel According to Galatians.** A thesis submitted in accordance with the requirements for the degree of Master of Theology at the University of Free State, South Africa, 2006.

STEGNER, W. R. "Paulo, o Judeu" IN HAWTHORNE, Gerald F. & Martin, Ralph & Reid, Daniel G. (orgs). **Dicionário de Paulo e suas cartas.** São Paulo: Vida Nova & Paulus & Loyola, 2ª. Edição, 2008.

THIELMAN, Frank. "Lei" IN HAWTHORNE, Gerald F. & Martin, Ralph & Reid, Daniel G. (orgs). **Dicionário de Paulo e suas cartas.** São Paulo: Vida Nova & Paulus & Loyola, 2ª. Edição, 2008.



X
EPCC

Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

WRIGHT, N.T. **What Saint Paul Really Said: Was Paul of Tarsus the Real Founder of Christianity?** Grand Rapids: Eeardmans Publishing Company, 1997.